

MOXABUSTÃO: UMA REVISÃO DA LITERATURA

FERNANDO WEGNER
ALESSANDRA DALLA COSTA
GESSICA KARINE SANTIN RIBEIRO
KARLA MONIQUE ANDOLFATO
KAREN ANDRÉA COMPARIN

Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste – Cascavel – PR – Brasil
karencomparin@gmail.com

INTRODUÇÃO

A Acupuntura é um método terapêutico antigo, utilizado há aproximadamente cinco mil anos. Surgiu na China, sendo mais tarde incorporada ao arsenal terapêutico da medicina em outros países orientais como o Japão, Coréia e Vietnã. A palavra acupuntura origina-se do latim, sendo que *acus* significa agulha e *punctura* significa puncionar. Refere-se, assim, à inserção de agulhas através da pele nos tecidos subjacentes em diferentes profundidades e em pontos estratégicos do corpo para produzir o efeito terapêutico desejado (MACIOCIA, 1996).

Os chineses, ao longo de milhares de anos, descreveram cerca de mil pontos de acupuntura, dos quais 309 foram classificados em doze grupos principais. Todos os pontos que pertencem a um dos grupos são ligados por uma linha não observável na superfície do corpo denominada meridiano. São descritos doze meridianos principais que controlam o pulmão, o intestino grosso, o estômago, o baço-pâncreas, o coração, o intestino delgado, a bexiga, o rim, o pericárdio (ou circulação/sexo), o triplo-aquecedor, a vesícula biliar e o fígado. Os pontos de acupuntura ao longo destes meridianos afetam os órgãos ou vísceras mencionadas, mas não necessariamente da mesma maneira. Para os chineses tradicionais, nosso organismo é formado de matéria e energia e é justamente a parte energética, a força vital ou *Qi* que circularia nestes meridianos. Para eles, todas as doenças seriam conseqüentes a um distúrbio da circulação do *Qi* (YAMAMURA, 2001).

Na Medicina Tradicional Chinesa (MTC), há uma teoria que considera que a natureza é constituída de cinco elementos básicos: madeira, fogo, terra, metal e água, existindo entre eles uma relação de interdependência e inter-restrição gerando assim um estado de constante movimento. Os elementos geram-se mutuamente na seguinte ordem: a madeira gera o fogo; o fogo gera a terra; a terra gera o metal; o metal gera a água; a água gera a madeira, fechando o ciclo (XINNONG, 1999).

A MTC inclui, além da acupuntura, técnicas de massagem (Tui-Na), exercícios respiratórios (Chi-Gung), orientações nutricionais (Shu-Shieh) e a farmacologia chinesa (medicamentos de origem animal, vegetal e mineral) (ALTMAN, 1997).

O tratamento pela acupuntura visa, conservar a saúde, evitando doenças, curar as enfermidades já instaladas, corrigindo as falhas da perfeita fluência da energia obtendo o equilíbrio (MACIOCIA, 1996).

A acupuntura pode ser aplicada de várias maneiras, através das agulhas (técnica mais conhecida e divulgada), do laser, estimulações elétricas e luminosas, do uso de ventosas, ímãs, massagens e também a moxabustão.

A moxabustão é um método terapêutico que visa utilizar determinadas substâncias ou ervas para aquecer pontos de acupuntura ou áreas do corpo a serem tratadas. O calor resultante deste processo produz estímulos que regularizam as funções fisiológicas, por intermédio dos meridianos. A matéria prima mais utilizada para se fazer a moxa é a folha da planta *Artemisia vulgaris*, que possui propriedade antiinflamatória, cicatrizante, dispersa o frio e a umidade, regula a circulação e a energia. Existem várias técnicas para a utilização da moxabustão, desde a aplicação de cones acesos colocados diretamente sobre os pontos ou áreas selecionadas, até bastões de moxa de vários tamanhos que são posicionados sobre a região a ser tratada, sem tocá-la (YAMAMURA, 2001).

Desta forma, este estudo teve como objetivo, fazer uma revisão bibliográfica acerca da técnica de moxabustão, descrevendo a ação terapêutica da erva *Artemisia vulgaris* e relatando alguns estudos realizados sobre a moxabustão com suas correlações científicas.

METODOLOGIA

Com relação à coleta de materiais, foi realizado um levantamento bibliográfico no acervo da biblioteca da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste, e uma busca nos sistemas, Medline, Bireme, CAPES, Pubmed e Cochrane, utilizando os seguintes descritores, “moxa”, “moxabustão”, “acupuntura” e “artemísia”. Além da pesquisa em acervos particulares.

A pesquisa bibliográfica é elaborada com base em material já publicado, decorrente de pesquisas anteriores em documentos impressos, como livros, periódicos, artigos, teses, revistas, etc., com o objetivo de analisar posições diversas em relação a determinado assunto (GIL, 2010; LAKATOS, 2010).

MOXABUSTÃO

A moxabustão é uma técnica de tratamento usada pela MTC, e uma forma de aplicação da acupuntura. Consiste na queima da erva medicinal chamada *Artemisia vulgaris* ou *sinensis*, que produz um aquecimento com efeitos terapêuticos (NEVES, 1994).

Especula-se que as origens da acupuntura e moxabustão estejam na China, nas tribos da idade da pedra. A moxabustão passou a ser utilizada aproximadamente ao mesmo tempo em que se desenvolveu o uso controlado do fogo. O homem primitivo descobriu o conforto do calor do fogo e o alívio casual de dores contínuas e localizadas e outros tipos de dores depois de tocar em um bastão incandescente. Inicialmente a queima era de materiais combustíveis como galhos e folhas secas. Mais tarde foi usado o carvão vegetal, varetas e depois a *Artemisia vulgaris*. A artemísia foi usada extensamente até o período Zhou (1066-221 a.C.). Nos tempos antigos, usava-se a cauterização direta através do material em chama que era colocado diretamente sobre a pele, causando formação de bolhas e seguinte cicatrização. A moxabustão era apresentada em grandes cones, com o tamanho aproximado de uma avelã e para cada tratamento eram feitas muitas aplicações. Durante as dinastias Jing Tan (618-907 d.C.), introduziu-se o método indireto de moxabustão. Naquela época o clássico livro médico “*Mil Prescrições do Ducado*”, dava detalhes para se colocar a lã de moxa sobre outros materiais, tais como, gengibre, sal, alho e cera de abelha. Durante a dinastia Ming (1368-1662 d.C.) preparava-se a lã de moxa solta em forma de bastão para o tratamento (MACIOCIA, 1996; WENBU, 1993; KIKUCHI, 1982).

A aplicação da moxabustão tem duas finalidades básicas: de aquecer o *Qi* e o *Xue* (sangue), para tratamento das doenças provocadas pelo frio e umidade e a de evitar a penetração destes quando o *Qi vital* enfraquece, como acontece em pessoas acima de 40 anos. É indicada também para situações de deficiência de energia em doenças crônicas e para pessoas com o sistema de defesa frágil. A erva freqüentemente utilizada é a artemísia, que serve para eliminar vento, frio e umidade e por esse motivo ela é muito utilizada na primavera e outono (WEN, 1985; KIKUCHI, 1982).

O calor da queima da moxa remove a congestão dos vasos sanguíneos e move o *Qi* e o *Xue*, que finalmente removem a dor. O aquecimento realizado pela queima das ervas oferece uma temperatura ideal, de maneira que fornece calor e energia na medida certa para o corpo (HOPWOOD, LOVESEY e MOKONE, 2001; WENBU, 1993).

A moxa é indicada para anemia, cólicas, debilidade do estômago, diarreias, enterites, epilepsias, flatulências, gastrites, alterações da menstruação, reumatismo e é também usada como inseticida. É ainda indicada para doenças crônicas como, rinite, bronquite e asma, depressão, angústia, ansiedade, medo, impotência sexual e frigidez, inflamação da garganta, dor musculoesquelética, psoríase, acne e eczema (HOPWOOD, LOVESEY e MOKONE, 2001; KIKUCHI, 1982).

A indicação da moxabustão vai depender ainda da idade da pessoa, da sua constituição, do porte físico, do sexo, da sensibilidade, da patologia e ainda se o paciente é Yin ou Yang.

Suas contraindicações consistem em não colocar a moxa diretamente na face, por que pode causar a formação de cicatriz. Não deve ser usada próxima a orifícios, vasos sanguíneos, mucosas ou áreas sensíveis, como os olhos. Em pacientes diabéticos deve-se tomar cuidado devido à neuropatia diabética. Evitar a aplicação na região abdominal e lombar em mulheres grávidas. Por fim, conforme a MTC, não deve ser usada em doenças causadas pelo calor (HOPWOOD, LOVESEY e MOKONE, 2001).

A ERVA

A *Artemísia vulgaris* é uma planta da família das compostas, popularmente conhecida como artemigem e artemísia. É uma planta de aproximadamente um metro de altura e de folhas com sabor amargo e odor aromático pouco agradável. Produz numerosas flores brancas e a época de colheita no Brasil é de novembro a dezembro. É originada na Ásia e naturalizada em quase todo o mundo. Seus constituintes são óleos essenciais (cineol e tuiona), flavonóides, taninos, saponinas, resinas, artemisina e princípios amargos (PANIZZA, 1997).

Para a utilização na forma de moxabustão existe uma forma particular de transformação da erva. Segundo Kikuchi (1982), as folhas de artemísia devem sofrer um processo de secagem inicialmente no sol, durante dois a três dias, até que seja retirada 20% a 30% da umidade; após é continuada a secagem na sombra por mais alguns dias. Em seguida deve ser socada com cuidado em um pilão e peneirada para retirar todo o pó. Restam então as fibras da artemísia, que adquirem um aspecto de massa lanosa de coloração amarelo claro. Esse material deve ser conservado numa caixa e em local seco, pois sua qualidade aumenta à medida que o tempo passa.

A *Artemísia vulgaris* possui várias indicações terapêuticas que servem para a fabricação de medicamentos tanto de uso interno como de uso externo. A planta apresenta atividade analgésica, antiinflamatória, anti-helmíntica, antibacteriana, antiflatulenta, antifúngica, estimulante do apetite, estimulante da bile, depressora do Sistema Nervoso Central, digestiva, diurética, emética, expectorante, hemostática, laxativa, sedativa, estimulante e vasodilatadora uterina. Também tem sido usada no tratamento da epilepsia, vômitos persistentes, convulsões em crianças, problemas circulatórios, queixas menopáusicas, depressão leve e estresse. (FETROW e ÁVILA, 2000; TIGMO, GUZMAN e FRORA, 2000).

Utilizando o extrato aquoso e clorofórmio das folhas de *Artemísia vulgaris*, Tigmo, Guzman e Frora (2000), observaram que a planta tem ação anti-hipertensiva, porém não tem efeito significativo na hemodinâmica cardiovascular. Franco (2001) observou que a planta também possui cineol e a tuiona que combatem os processos inflamatórios, principalmente a vaginite.

Como reação colateral do seu uso pode ocorrer anafilaxia e dermatite de contato. A artemísia pode potencializar os efeitos dos anticoagulantes, devendo, por isso, ser evitado o uso concomitante. É contraindicado para gestantes ou lactantes, bem como para pacientes com tendências hemorrágicas (FETROW e ÁVILA, 2000).

RELATOS CIENTÍFICOS

As pesquisas científicas com a moxabustão e a erva artemísia são escassas, mesmo assim, é possível se encontrar alguns estudos neste sentido. Abaixo são relatados alguns destes trabalhos.

Segundo o estudo de López *et al* (2011), a moxabustão em pontos de acupuntura foi eficaz para eliminar sintomas de crise asmática em pacientes de um Centro de Emergência Médica. Dentre os sintomas relatados pelos pacientes constavam tosse, dispneia e estertores secos, seguidos de ansiedade e expectoração. Este foi um estudo de intervenção e prospectivo, no qual participaram da amostra 42 pacientes diagnosticados com crise asmática

pelo médico plantonista do Centro de Emergência Médica, através de um exame físico que detectava as manifestações clínicas. Todos os pacientes relataram satisfação com a terapia, sendo que apenas um paciente da amostra necessitou de tratamento farmacológico.

O estudo de Li Y *et al* (2004), teve como objetivo verificar a eficácia da acupuntura combinada a moxabustão na Paralisia de Bell. Participaram deste estudo 439 indivíduos, divididos em um grupo controle e dois grupos de tratamento. O grupo controle foi tratado farmacologicamente, e os grupos de tratamento foram tratados com acupuntura e moxabustão somente ou em combinação com os fármacos. Os sintomas e sinais da paralisia foram mensurados através da escala de House-Brackmann e pelo Índice de Incapacidade (IED), sendo que as pontuações foram avaliadas e determinadas pré e pós-tratamento. De acordo com as avaliações, houve eficácia nos dois grupos que receberam os tratamentos comparados ao grupo controle, porém o resultado foi melhor no grupo que recebeu acupuntura e moxabustão somente, sem a administração dos fármacos.

Brasilino (2005) demonstrou que tanto a acupuntura quanto a moxabustão foram eficazes no tratamento das síndromes *Bi* (segundo a medicina chinesa são afecções que acometem os músculos, tendões e articulações), e no aumento da amplitude de movimento de extensão e flexão do joelho. Participaram deste estudo oito indivíduos com idade acima de 60 anos, divididos em dois grupos de quatro participantes, onde o primeiro grupo foi tratado com acupuntura e o segundo com moxabustão. Para análise comparativa foi utilizada a Escala de Dor Alfa-Numérica de Borg, que analisa o nível de dor, e a Goniometria, que avalia a amplitude articular. No primeiro grupo, em 50% dos participantes a dor baixou de *oito* para *um a três* pontos na escala e em 50% baixou de *três* para *zero*. No segundo grupo, em 75% dos participantes a dor baixou de *oito* para *um a dois* pontos na escala e em 25% baixou de *três* para *zero*. Na goniometria, os graus de flexão e extensão tiveram aumento para ambas as técnicas que variaram de 10 a 15 graus. Sendo assim, neste estudo, a moxabustão se mostrou ainda mais eficaz que a acupuntura.

Por fim, a pesquisa realizada por Cardini e Weixin (1998), demonstrou que entre as gestantes primigestas de 33 semanas com feto em apresentação pélvica, o tratamento com moxabustão durante uma a duas semanas foi significativamente eficaz para aumentar a atividade fetal e conseqüentemente o movimento para a posição cefálica durante e após o período do tratamento até o parto. Na pesquisa foram estudadas 260 gestantes primigestas com 33 semanas de gestação e com diagnóstico do feto em apresentação pélvica. Foram divididas randomizadamente em dois grupos, 130 para o grupo de moxabustão e 130 para o grupo controle. O grupo de moxabustão foi estimulado com moxa no ponto B67 durante sete dias e se o feto persistisse na mesma posição, era feito por mais sete dias o tratamento. No grupo controle, não foi feita nenhuma intervenção até a 35ª semana. Durante a 35ª semana de gestação, 98 dos 130 fetos do grupo moxa estavam na posição cefálica, em comparação, no grupo controle, dos 130 fetos, 62 estavam na posição cefálica, sendo que adotaram a posição naturalmente. Após a 35ª semana até o parto, não houve aumento do número de fetos na posição cefálica para o grupo moxa, no entanto, para o grupo controle 81 fetos no total estavam na posição cefálica. Assim, apesar da pequena diferença ao final da gestação, os fetos estimulados pela moxabustão adoram a posição cefálica em maior número.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do estudo realizado, pode-se considerar que a moxabustão, associada ou não a outros recursos, é mais um aliado terapêutico importante para o tratamento de diversas patologias.

A moxabustão, enquanto técnica da MTC, basicamente tem a função de aquecer os meridianos, dispersar o frio, o vento e a umidade, regular a circulação de sangue e de energia, assim como atuar para diminuição da dor, processo inflamatório e cicatrização.

A *Artemísia vulgaris*, erva empregada na confecção da moxa, tem ação analgésica, antiinflamatória, antibacteriana, digestiva, diurética, expectorante, laxativa, antidepressiva e

anti-hipertensiva, entre muitas outras indicações. A ação terapêutica da erva, associada ao aquecimento e à estimulação dos pontos de acupuntura é que traz o efeito final da técnica de moxabustão.

Apesar da sua grande contribuição desde a antiguidade no tratamento dos mais diversos distúrbios, ainda, conforme foi possível se observar através desta revisão, pouquíssimos e atuais estudos se tem na área. A literatura sobre o assunto ainda se restringe muito aos tratados de medicina chinesa e as pesquisas científicas são escassas.

Entretanto, foi possível através do estudo aqui proposto, reunir muitas informações acerca da técnica de moxabustão, e sugere-se mais e urgentes estudos sobre o assunto, já que na prática clínica ela se mostra extremamente eficaz, trazendo grandes contribuições na terapêutica dos pacientes. Com mais estudos científicos, certamente a moxabustão seria mais divulgada e mais pessoas seriam beneficiadas com a técnica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTMAN, S. **Acupuncture as an emergency treatment.** California Veterinarian, v.15, n.1, p.6-8, 1997.

BRASILINO, M. J. B. **Estudo comparativo dos efeitos da moxabustão e acupuntura em joelhos de pacientes idosos.** Campina Grande: CITE, 2005. Monografia (especialidade em Acupuntura), Centro Integrado de Terapias Energéticas. 2005.

CARDINI, F.; WEIXIN, H. Moxibustion for Correction of Breech Presentation: A Randomized Controlled Trial. **JAMA.** 1998; 280(18): 1580-1584: Disponível em: <http://jama.ama-assn.org/cgi/content/full/280/18/1580>. Acesso em 23 de junho de 2008.

FETROW, C. W.; ÁVILA, J. R. **Manual de medicina alternativa para o profissional.** v.1. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000.

FRANCO, L. L. **As sensacionais 50 plantas medicinais campeãs de poder curativo.** 5ed., v.1. Curitiba: Lobo Franco, 2001.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5ed. São Paulo: Atlas, 2010.

HOPWOOD, V., LOVESEY, M., MOKONE, S. **A acupuntura e técnicas relacionadas à fisioterapia.** 1ed. São Paulo: Manole, 2001.

KIKUCHI, T. **Moxabustão.** São Paulo: Musso Publicações, 1982.

LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica.** 5ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LI, Y.; LIANG, F. R.; YU, S. G.; LI, C. D.; HU, L. X.; ZHOU, D.; YUAN, X. L.; XIA, X. H. Efficacy of acupuncture and moxibustion in treating Bell's palsy: a multicenter randomized controlled trial in China. **Chinese Medical Journal.** v.117, n.10, p.1502-1506, 2004.

LÓPEZ, D. M. T.; CUELLAR, A. C. A.; LOBAÍNA, M. F.; CABRERA, D. B. Uso de la moxibustión en la crisis ligera de asma bronquial en el servicio de urgencias. **Rev AMC,** Camagüey. v.15, n.3, p.446-455, jun, 2011.

MACIOCIA, G. **Os fundamentos da medicina chinesa.** São Paulo: Roca, 1996.

NEVES, B. A. **Tratado popular de moxabustão.** 1ed. São Paulo: Cone, 1994.

PANIZZA, S. **Plantas que curam: cheiro de mato.** 19ed. São Paulo: IBRASA, 1997.

TIGMO, X. T.; GUZMAN, F.; FRORA, A. M. Phytochemical analysis and hemodynamic actions of *Artemisia vulgaris*. **Clinical Hemorheology and Microcirculation.** v.23, n.2-4, p.167-175, 2000.

WEN, T. S. **Acupuntura clássica chinesa.** São Paulo: Cultrix, 1985.

WENBU, X. **Tratado de medicina chinesa.** São Paulo: Roca, 1993.

XINNONG, C. **Acupuntura e moxabustão chinesa.** São Paulo: Roca, 1999.

YAMAMURA, Y. **Acupuntura tradicional: a arte de inserir.** 2ed. São Paulo: Roca, 2001.

Endereço: Rua Universitária, 2069, Jardim Universitário.

CEP 85819-110 – Cascavel – Pr.

AC/ Colegiado de Fisioterapia

Fone: (45) 8413-6526 karencomparin@gmail.com